

MEMORANDO: 18-05-1818*

De: Movimento Autogestionário

Para: Movimento Operário

ASSUNTO: abram os olhos e critiquem seus dirigentes

Considerando que:

“O estado é um comitê para gerir os negócios comuns de toda a burguesia”
(Karl Marx & Friedrich Engels).

“A emancipação da classe operária deve ser obra da própria classe operária”
(Karl Marx).

“A revolução proletária tem que destruir um poderoso sistema desde a raiz e criar algo de bem novo à mais larga escala. Para esta tarefa não são adequadas as forças dos partidos e sindicatos. Mesmo as mais fortes organizações são demasiado fracas para isso. A revolução proletária só pode ser obra da totalidade da classe proletária” (Otto Ruhle).

“O domínio cultural da burguesia tem idêntica importância ao seu poder material, porque mantém a classe operária na submissão. A ignorância é um estorvo para a libertação da classe operária. As velhas ideias e as tradições pesam consideravelmente sobre seus espíritos, inclusive quando tocados pelas novas ideias. É nestes momentos que os objetivos são vistos sob um ângulo bem mais estreito, que os “slogans” pomposos são aceitos sem crítica, que se tem ilusões sobre os êxitos fáceis, que as meias medidas e as falsas promessas afastam os trabalhadores do bom caminho. Comprova-se deste modo toda a importância das forças intelectuais para os trabalhadores. O saber e a perspicácia são fatores essenciais para a ascensão do movimento revolucionário da classe operária” (Anton Pannekoek).

* Editorial da Revista Enfrentamento. Goiânia: ano 13, nº 23, jan./jun. 2018.

“Os filósofos contentaram-se em interpretar o mundo de diferentes maneiras, mas o que importa é transformá-lo” (Karl Marx).

É que dedicamos mais um número da Revista Enfrentamento ao combate ao processo de burocratização típico de nossa sociedade e às organizações burocráticas que necessariamente se desenvolvem de tal processo. Contudo, o que se destaca de modo mais claro da análise do artigos agora disponíveis ao público, é a crítica da burocracia como classe social. Na verdade, tanto a burocratização do mundo, quanto a ampliação, criação de novas organizações burocráticas, de processos burocráticos etc. tem como base material de sua realização a classe burocrática, ou seja, o conjunto de indivíduos que materializam tais processos e organizações.

A percepção deste dado elementar, entretanto, estranhamente desconhecido entre militantes, intelectuais e o conjunto das classes trabalhadoras, é algo a se pontuar em todos os artigos aqui reunidos. Esta crítica da burocracia é parte, na verdade, da militância teórica desenvolvida pelo Movimento Autogestionário há vários anos. Nos vários números da Revista Enfrentamento, é possível perceber textos que criticam direta ou indiretamente a burocracia como classe social. Entretanto, o número 22, já publicado e o número 23, agora disponibilizado, dão maior atenção ao fenômeno burocrático.

A classe operária (e demais classes desprivilegiadas) tem diante de si uma imensa tarefa: destruir o modo de produção capitalista (obra da classe operária) e reconstrução da sociedade sobre novas bases. Esta imensa tarefa encontra inúmeros obstáculos. Convém lembrar: a) interesses e poder da atual classe dominante, a burguesia; b) interesse e poder da burocracia. A contrarrevolução burguesa já se demonstrou em inúmeros momentos históricos como um grande empecilho ao desenvolvimento da luta da classe operária. Os episódios sangrentos dos séculos XIX e XX são testemunha disto, vide, por exemplo, o massacre aos parisienses nos meses que se seguiram à Comuna de Paris em 1871. Contudo, para além destes métodos bárbaros, aos quais a burguesia não tem pudor em recorrer para assegurar seus interesses de classe, há outros: chamado à democracia, ideologias que sustentam o

atual modo de produção etc. Só trouxemos este dado para salientar o mais poderoso inimigo da classe operária: a classe capitalista e seu estado.

O século XX, contudo, demonstrou aos revolucionários militantes e à classe operária e demais classes desprivilegiadas em geral, que além da burguesia, uma outra classe social sempre desempenhou um nefasto papel em impedir o avanço da classe operária: a burocracia. A contrarrevolução burocrática, cujo exemplo clássico é a ascensão dos bolcheviques ao poder na Rússia em outubro de 1917, é um dado que atualmente não se pode mais escusar a análise. Da mesma forma que a burguesia, a burocracia desenvolve inúmeros instrumentos, materiais e ideológicos, para manter a classe operária em estado de submissão. O desenvolvimento dos partidos políticos e dos sindicatos são uma prova clara disto. Estas organizações são hoje um grande obstáculo à luta da classe operária. São instituições a serem combatidas e não apropriadas ou desenvolvidas. Seu maior trunfo está em se dizer aliada da classe operária, da falar em seu nome, de ser sua representante. Eis um dos maiores problemas em se combater a classe burocrática, pois algumas de suas frações (sindical, partidária) e extratos (inferiores) dizem representar e falar em nome dos trabalhadores, porquanto, não sejam trabalhadores, mas sim, burocratas.

A classe operária a cada momento de ascensão identifica este dado de sua luta nas últimas décadas. Contudo, cessado o ciclo de lutas, tal aprendizagem, via de regra, não se acumula, não se sedimenta. Em novo ciclo, ela deve aprender de novo, pois uma nova geração de trabalhadores entrou no cenário e vai aprender, novamente por si mesma o significado da burocracia enquanto classe. Somente quando houver a superação desta situação, de modo continuado no tempo e no espaço e que veremos a possibilidade de uma nova sociedade se apontar no horizonte. A burguesia, quando a classe operária entra em luta, é facilmente identificável como inimiga. Também o estado, pois este ocorre em reprimir o movimento. As burocracias inferiores, contudo, são as últimas a serem percebidas como inimigas. Quando isto acontece, é porque a luta de classes já está a se radicalizar a níveis perigosos para a classe dominante. E faz esta tudo o que puder para evitar este degrau na luta do proletariado.

Assim, uma crítica geral da burocracia (como classe social, como forma organizacional e como processo social mais amplo, de burocratização da vida social em sua totalidade) é uma necessidade premente das lutas sociais contemporâneas. É por isto que dedicamos este número exclusivamente a esta tarefa. Trata-se de uma pequena contribuição, dada a dimensão do problema. Contudo, embora pequena, é significativa, pois toca nos pontos centrais da questão.

O texto de Nildo Viana aborda o significado histórico da burocracia, demonstrando sua origem, sua especificidade histórica, ou seja, um produto da sociedade burguesa. A burocracia como classe social e como organização é analisada pelo autor de tal sorte que a apresenta como um empecilho ao desenvolvimento do processo revolucionário. Trata-se de uma classe a ser abolida, juntamente com as organizações que esta cria para se autodesenvolver (estado, partidos, sindicatos, ONG's etc.). O triunfo do processo revolucionário está diretamente associado à aniquilação da burocracia enquanto classe. Eis a conclusão lógica do entendimento do significado histórico da burocracia.

Um aprofundamento deste apontamento teórico realizado por Nildo Viana é feito por Rubens Vinícius da Silva. Discutindo a noção de partido político em Karl Marx, o autor descobre os diferentes tipos de organização existentes, bem como seus objetivos, formas de decisão internas e sua relação com as classes sociais em geral e com a luta de classes levada a cabo pelo proletariado. As organizações vinculadas ao proletariado surgem como organizações autárquicas e com o desenvolvimento histórico do capitalismo, marcado por uma crescente mercantilização e burocratização, tornam-se cada vez mais burocratizadas. Este é o caso dos partidos políticos no sentido moderno do termo. Marx viveu no início deste processo de burocratização, o que possibilitou a ele efetivar críticas a tais organizações (partido social-democrata alemão; partidos burgueses etc.). O que o autor demonstra é que o caráter burocrático dos partidos só se consolidou mesmo na segunda onda de burocratização (regime de acumulação intensivo). De lá para cá, tal burocratização é um processo irreversível e os partidos políticos, assim como os sindicatos são organizações a serem superadas. Para finalizar, traz à discussão a tese de Karl Jensen, quando este discute o desenvolvimento das lutas proletárias, que

passam das lutas espontâneas para as autônomas e tendem a se expandir para as lutas autogestionárias. As organizações autárquicas autônomas revolucionárias ou somente organizações revolucionárias devem contribuir com proletariado a fim deste avançar das lutas autônomas para as autogestionárias. Para tanto, as organizações revolucionárias devem superar tanto o vanguardismo, quanto o reboquismo. Eis o grande mérito deste texto, demonstrar, em consonância com o texto de Viana, a necessidade de superar o capital, bem como a burocracia que este demanda e prolifera.

As discussões sobre a burocracia são remetidas, no texto de Diego Pereira dos Anjos, ao pensador revolucionário Jan Waclav Makhaiski, em sua discussão sobre a *intelligentsia*. Makhaiski, crítico do “socialismo de estado”, da *intelligentsia* russa (social-democrata e bolchevique), foi traduzido no Brasil pela primeira vez por Maurício Tragtemberg em sua clássica coletânea: *Marxismo Heterodoxo*. Há mais uma edição espanhola e outra francesa de mais alguns textos de Makhaiski. Seu pensamento é, portanto, assustadoramente desconhecido entre nós. Isto se deve, aponta Anjos, entre outros aspectos, ao lugar de severo crítico da intelectualidade, como classe social, feito por Makhaiski. Esta é, de certa forma, uma de suas principais contribuições, ou seja, identificar o caráter de classe da intelectualidade e os interesses específicos que tem e defende. Embora fale em nome do “proletariado”, do “povo”, do “universal”, da “verdade” etc., o que está por detrás de seus discursos aparentemente descompromissados, é uma profunda defesa de seus interesses mesquinhos de classe. Makhaiski demonstra que os intelectuais não estão acima dos conflitos de classe. Pelo contrário, estão em seu seio e tomam partido, bem como defendem seus próprios interesses, arrastando a brasa para seu próprio peixe. Mesmo tendo esta clareza, ainda nos distantes anos iniciais do século XX, Makhaiski não esteve livre de equívocos. Anjos comprova que isto ocorreu por uma deficiência do autor em compreender a totalidade e complexidade do pensamento de Marx, por confundir, por exemplo, intelectualidade com burocracia, sendo o termo *intelligentsia* empregado significando as duas classes indistintamente. Em que pese os equívocos de Makhaiski, que se explicam também pelo contexto histórico no qual escreveu, trata-se de autor a ser lido pelos revolucionários de hoje. É pensando nisto, que

traduzimos um texto ainda inédito em português de Makhaiski. *Sobre os interesses de classe da intelligentsia* é uma importante contribuição do pensador russo à compreensão desta classe social, a intelectualidade. Esperamos, com esta pequena contribuição, enriquecer o cabedal dos revolucionários de hoje no conhecimento da obra deste ilustre desconhecido, Jan Waclav Makhaiski.

Por fim, a contribuição de Edmilson Marques coroa este debate sobre a burocracia, trazendo alguns apontamentos sobre a “Escola Derivacionista” e a interpretação que esta realizou sobre a instituição estatal. Após ressaltar as principais contribuições desta escola, como a de que o estado capitalista é serviçal do capital, pois é sua forma política necessária, apresenta os limites e equívocos interpretativos: economicismo, não perceber outras dimensões do estado, como a repressão política, política cultural do estado etc. Em que pese seja uma análise sintética, o texto de Marques marca os pontos essenciais para o entendimento da chamada escola derivacionista do estado, mais um elemento no entendimento do processo de burocratização típico de nossa sociedade.

Assim, diante das questões postas, sem mais para o momento,

Movimento Autogestionário

Junho de 2018